

# **Caminhos dialógicos na educação de jovens e adultos: repensando a leitura e literatura**

Letícia Kondo

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

**Como citar:** KONDO, Letícia; GIROTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. Caminhos dialógicos na educação de jovens e adultos: repensando a leitura e literatura. In: MIGUEL, José Carlos; BERSI, Rodrigo Martins (org.). **Educação de jovens, adultos e idosos:** questões teóricas, implicações práticas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.57-80. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-467-7.p57-80>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# CAMINHOS DIALÓGICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REPENSANDO A LEITURA E LITERATURA

Letícia Kondo<sup>7</sup>

Cyntia G. G. Simões Giroto<sup>8</sup>

## Introdução

Pensar sobre a Educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil consiste em analisar criticamente diversas conjunturas políticas em ação, uma vez que não existe qualquer possibilidade de neutralidade/imparcialidade dentro da relação educação e política: não se faz educação sem o confronto com as ideologias vigentes. Ser capaz de questionar “Porque fazemos Educação?” / “Para que fazemos Educação no Brasil?” e buscar por respostas nos move a

Reconhecer a EJA como instância de Direito Público Subjetivo significa assumir o direito de formação escolar como prerrogativa inalienável de todas as pessoas e a obrigação de seu oferecimento

---

7 Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, SP. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, SP. Formada em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, SP. E-mail: leticia.kondo@unesp.br

8 Livre-Docente em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, SP. Professora vinculada ao Departamento de Didática e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – UNESP – Campus de Marília. E-mail: cyntia.giroto@unesp.br

pelo Estado, administrador do excedente econômico. Significa reconhecer a articulação de graves problemas sociais e políticos como os mencionados com a pobreza absoluta, os componentes étnico-raciais, as questões de gênero e sistema de ensino pouco inclusivo (MIGUEL, 2022, p.11).

Ao nos abirmos para compreensão do confronto supramencionado, tornamo-nos capazes de descortinar os sujeitos sociais envolvidos na EJA e avançar no compromisso com a educação para a humanização. A partir do olhar cuidadoso para os parâmetros sociais, constatamos a realidade desses sujeitos sociais envolvidos na EJA: são sujeitos marcados por preconceitos relativos ao sexo, cor e classe social pré-estabelecidas; pessoas cuja trajetória de vida refletem a opressão e exclusão social. Logo, a alfabetização voltada a este grupo precisa estar compromissada com um ensino crítico, capaz de libertar e emancipar consciências.

Se buscamos essa educação emancipatória e libertária, precisamos repensar a função da linguagem, pois ela é a responsável por nos fazer participar das relações sociais, por meio dela somos capazes de afetar e sermos afetados pelo Outro, ou seja, ela nos possibilita viver em dialogia: “Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, com os lábios com as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos” (GEGE, 2013, p.29).

Deste modo, garantir relações dialógicas nas aulas da EJA é promover a alternância de vozes, é possibilitar que os alunos atuem como parceiros e protagonistas do seu processo de ensino/aprendizagem: construir relações horizontais entre professores e alunos, nas quais as vivências desses sujeitos sejam valorizadas e tidas como ponto de partida para as formas de construção de pensamento.

Partindo da premissa de que não se tem aprendizagem real e significativa fora dos ambientes promotores da dialogia, “O papel do professor não se reduz a ser um mero repassador de conhecimentos, mas sim a um mediador, instigador e problematizador” (SANCEVERINO, 2016, p. 457). É fundamental, portanto, que o professor possa atuar criando condições de desenvolver o pensamento crítico dos estudantes, nas palavras de Freire (1980, p.19): “Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto para intervir na realidade para mudá-la”.

Almejando a construção de caminhos dialógicos para a alfabetização de jovens e adultos, bem como, a garantia de um processo de ensino/aprendizagem significativo e preocupado com a formação de leitores críticos - capazes de ultrapassar as barreiras do dito e galgar pelos caminhos das entrelinhas - o trabalho com as estratégias de leitura propostas por Girotto e Souza (2010) aponta para as possibilidades de apropriação da cultura humana escrita, para o processo de humanização.

Quando ensinamos para os nossos alunos os atos que movimentamos durante a leitura, estamos ensinando que ler ultrapassa a concepção de retirar o som das palavras. A leitura, em seu sentido pleno, envolve a criação de signos, ou seja, é um processo mental de construção de sentidos. Portanto, aprender a ler é aprender a dialogar com o texto, fazer perguntas e buscar por respostas provisórias.

Oferecer textos literários em sala de aula possibilita que nossos alunos entrem em contato com as grandes questões humanas: sonhos, medos, fantasias etc. Logo, tais textos promovem espaço para que conheçamos mais sobre nós mesmos e outras culturas – eles ampliam

nossa reflexão sobre a condição humana e, desta forma, são meios para o processo de humanização.

Levando em consideração os aspectos supramencionados, propomos o trabalho com o livro literário ilustrado *OS INVISÍVEIS*, de Tino Freitas e Odilon Moraes, e a estratégia de leitura “conexão”, a fim de oportunizar aos alunos momentos de reflexão sobre o ato de ler e, ainda, sobre a condição humana de “pessoas invisíveis”, crítica social presente na obra.

Assim, no decorrer do capítulo proposto, apresentaremos a obra – evidenciando seus detalhes estéticos – e sugeriremos caminhos possíveis de seu trabalho em sala de aula visando aproximar os alunos da estratégia de leitura “conexão”

Se os leitores não têm nada para articularem à nova informação, é bem difícil que construam significados. Quando têm uma boa bagagem cultural sobre um tópico, são capazes de entender o texto. Mas quando sabe pouco sobre o assunto abordado ou desconhecem o formato do texto, frequentemente, encontram dificuldades. Fazer conexões com as experiências pessoais facilita o entendimento. As vivências e conhecimentos prévios dos leitores abastecem as conexões que fazem (GIROTTI; SOUZA, 2010, p.66-67).

Quanto mais enredados com o texto os leitores estiverem, mais possibilidades terão para o encontro com as vozes ali presentes, isto é, mais dialógico se torna o ato de ler. Deste modo, alunos tornam-se capazes de se apropriarem do verdadeiro sentido da leitura para humanização, afinal, leitores

se formam como leitores porque aprendem a ler, não porque pronunciam as palavras, nem porque as veem, mas porque estabelecem ligações entre o conjunto de sentido por elas

formado e o conjunto de sentidos que constituem suas experiências de vida” (ARENA, 2010, p.41).

### ***Os Invisíveis: diálogos sobre os autores e a obra***

Tino Freitas é escritor, jornalista, contador de histórias e mediador de leitura do projeto Roedores de Livros. Atualmente, reside em Brasília e possui mais de vinte livros publicados; dentre eles, alguns já receberam importantes prêmios, como o Prêmio Jabuti e o Selo Altamente Recomendável para Crianças, da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

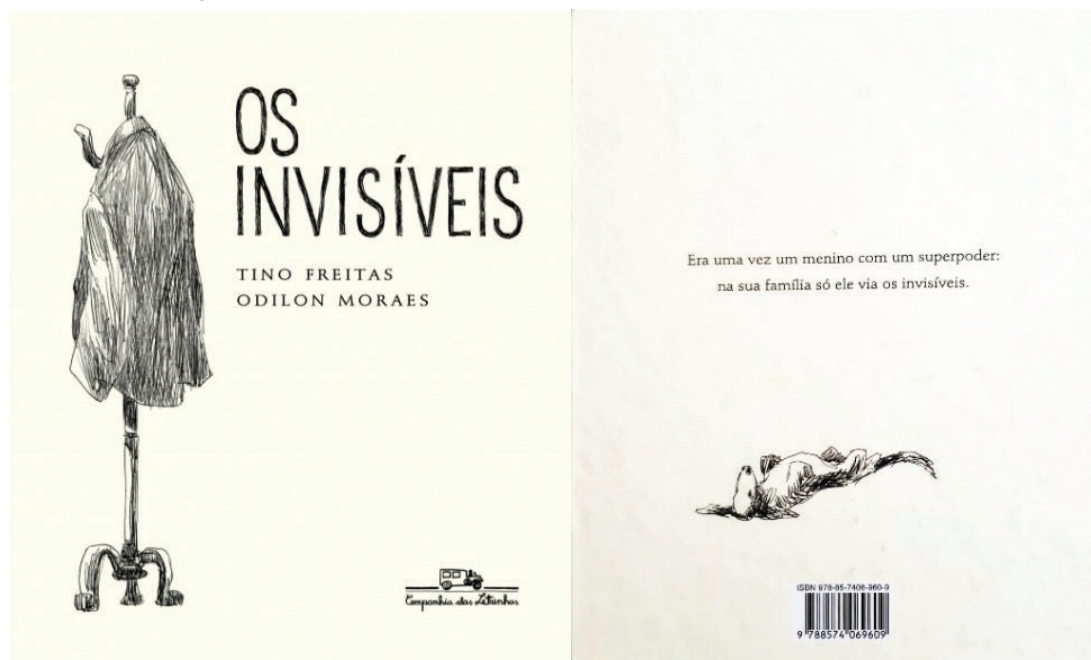
Odilon Moraes é formado em arquitetura, porém desde muito cedo optou pela construção de livros ao invés de casas. Ilustrador há mais de vinte anos, escritor de livros ilustrados, vencedor três vezes do Prêmio Jabuti (duas delas como melhor ilustrador) e três vezes do Prêmio FNLIJ de melhor livro do ano.

Tino e Odilon são amigos e admiradores recíprocos de seus trabalhos. Assim, decidiram unir-se para a construção narrativa de *OS INVISÍVEIS*, obra que nos conduz pela trajetória de um menino com um superpoder, enxergar os invisíveis. Com o intuito de evidenciar as possibilidades humanizadoras no trabalho com a obra, seguiremos com a exploração e alguns destaques acerca da narrativa.

O livro possui 17x21cm de extensão, sendo confortável de se manusear, segurando-o com apenas uma das mãos. Suas páginas foram impressas em *offset* sobre papel Alta Alvura. Ao mantê-lo ainda fechado, nos deparamos com os elementos narrativos da capa: título em caixa alta, autores, editora e o enunciado visual de um casaco pendurado em um mancebo. Ao virá-lo, compondo uma única cena, a quarta capa traz uma breve sinopse do enredo seguida pela imagem narrativa visual de um cachorro deitado com a barriga para cima –

posição que remete a situação na qual os cachorros se posicionam ao receberem carinho

**Figura 01** – Capa e Quarta capa do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

Na condição de que ler é fazer perguntas e buscar por possíveis e, sempre, provisórias respostas, somos motivados a nos questionar e elaborar pensamentos como: “De quem é o casaco pendurado?”, “O cachorro pertence ao dono do casaco?”, “O sujeito a quem casaco e cachorro pertencem teria se tornado um invisível?” e “Por que a história fala sobre pessoas invisíveis, mas o título faz questão de destacar – dar visibilidade – por meio do recurso de letras em caixa alta o vocábulo INVISÍVEIS?”.

Contagiados pelos questionamentos, abrimos as páginas para nos encontrarmos com o miolo do livro. As guardas iniciais e finais se repetem e formam um padrão de riscos verticais agrupados de quatro em quatro, sugerindo um gramado:

**Figura 02** – Guardas iniciais do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

Ainda em busca de respostas que solucionem nossos questionamentos, prosseguimos pela afetuosa mistura entre enunciados verbais e visuais acerca da trajetória sensível de um garotinho que percebe ser diferente dos demais membros de sua família, ele tem o superpoder de ver os invisíveis. Trajando sua capa de herói, o pequeno nos conduz pelas situações em seu cotidiano que nos permitem perceber a veracidade dos fatos. Ao sair de casa, sempre acompanhado pela figura de um adulto, o pequeno nos apresenta corpos de homens e mulheres incompletos, ou seja, pessoas caracterizadas apenas pelas roupas que vestem e atividades que exercem.



**Figura 03** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

**Figura 04** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



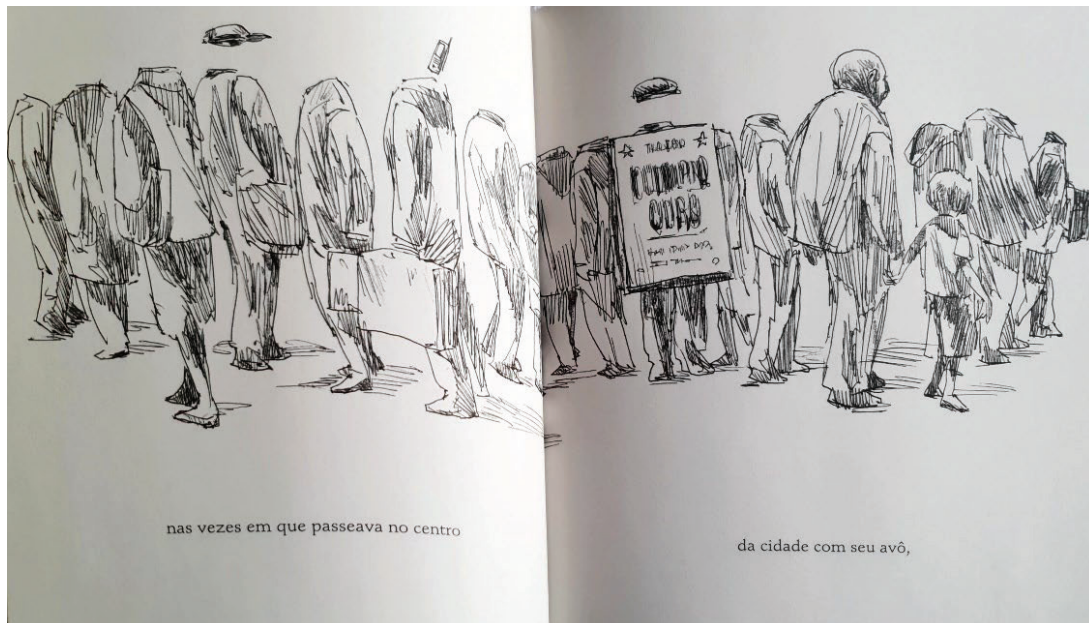
**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

**Figura 05** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



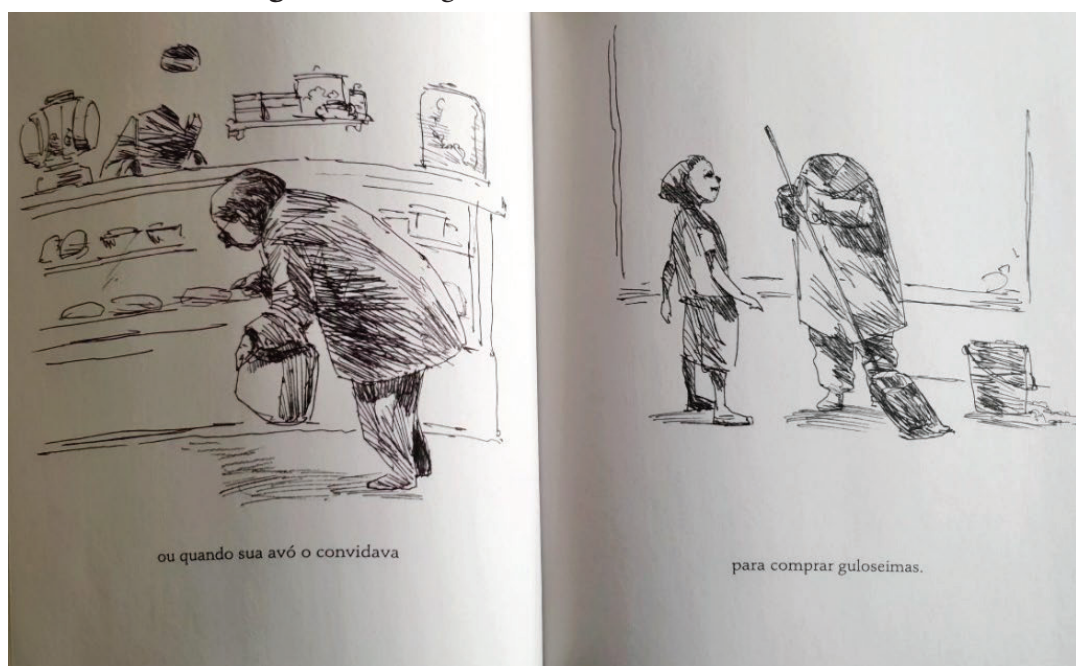
**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

**Figura 06** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

**Figura 07** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

A cada cena, podemos perceber a sutileza da criança que se comove com os invisíveis buscando pela aproximação e contato com estes; enquanto, seus familiares passam sem reconhecê-los em suas individualidades: são ocupantes de espaços, não havendo qualquer possibilidade para interação/troca. O Outro, caracterizado pelas vestimentas que adorna, é despido de humanidade.

Se participar ativamente do mundo é vivenciar relações de troca com o Outro, ou seja, exercer a alteridade; aos invisíveis sociais – e dentro de tal categoria estão inseridos também os alunos da EJA – são roubadas diversas oportunidades de participação. Dispondo das palavras de Bakhtin (2011, p.47-48) “(...) o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora.” Deste modo, é condição essencial para humanização que nosso corpo seja visto e preenchido pelas palavras e ações do Outro. Desprovidos destes encontros, somos corpos

esvaziados e incapazes de afetar e ser afetado dentro de um grande e, sempre em construção, ciclo.

Os momentos seguintes – figuras abaixo – somos convidados a refletir na invisibilidade do próprio garotinho, uma vez que sua família parece ocupada demais para relacionar-se com ele.

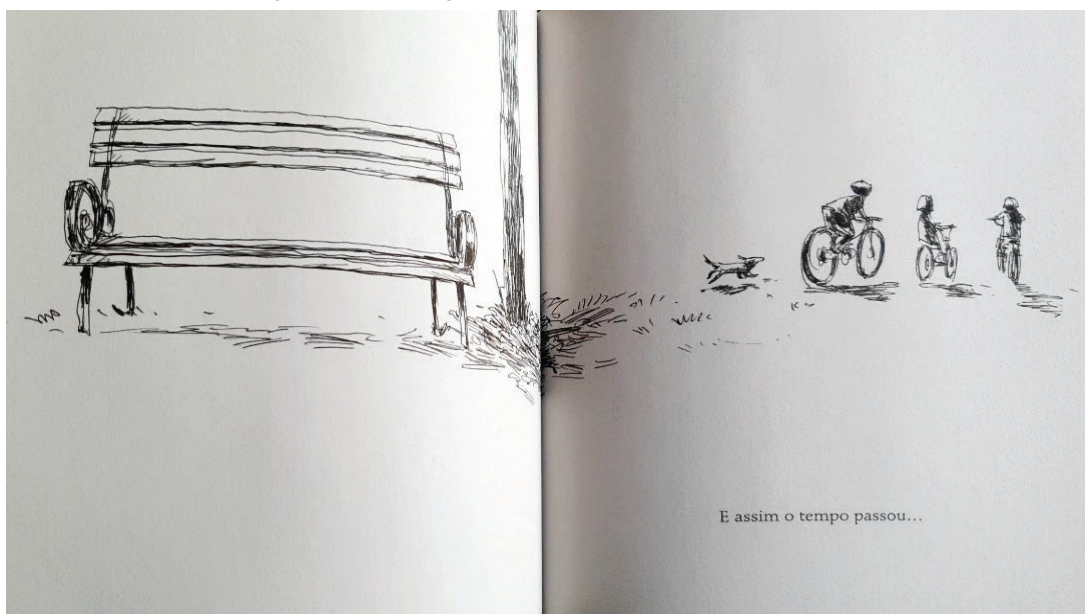
**Figura 08** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

A transformação visual entre banco da praça ocupado por pessoas que só o pequeno conseguia enxergar pelo mesmo banco, agora, completamente vazio marca a passagem narrativa do tempo. Nosso pequeno está crescendo e, com isso, perdendo sua capacidade de enxergar os invisíveis. O tronco da árvore posicionado ao lado do banco delimita a fronteira entre antes e depois: infância e juventude.

**Figura 09** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

**Figura 10** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

Acompanhamos o jovem ingressar na faculdade, conseguir um emprego, encontrar o amor, sofrer a perda dos seus próximos, construir uma família e, como consequência do destino, envelhecer. Durante tais passagens temporais, torna-se evidente o abandono de seu superpoder. Movido pelo racionalismo da vida atarefada dos adultos, ele, também, se tornou um homem comum, incapaz de

enxergar os invisíveis. Seu próprio companheiro de estimação, ao seu lado desde o início da narrativa, não é mais visto. A imagem abaixo comprova que o animal não possui mais lugar junto ao personagem, ele se alimenta sozinho no canto oposto aos demais.

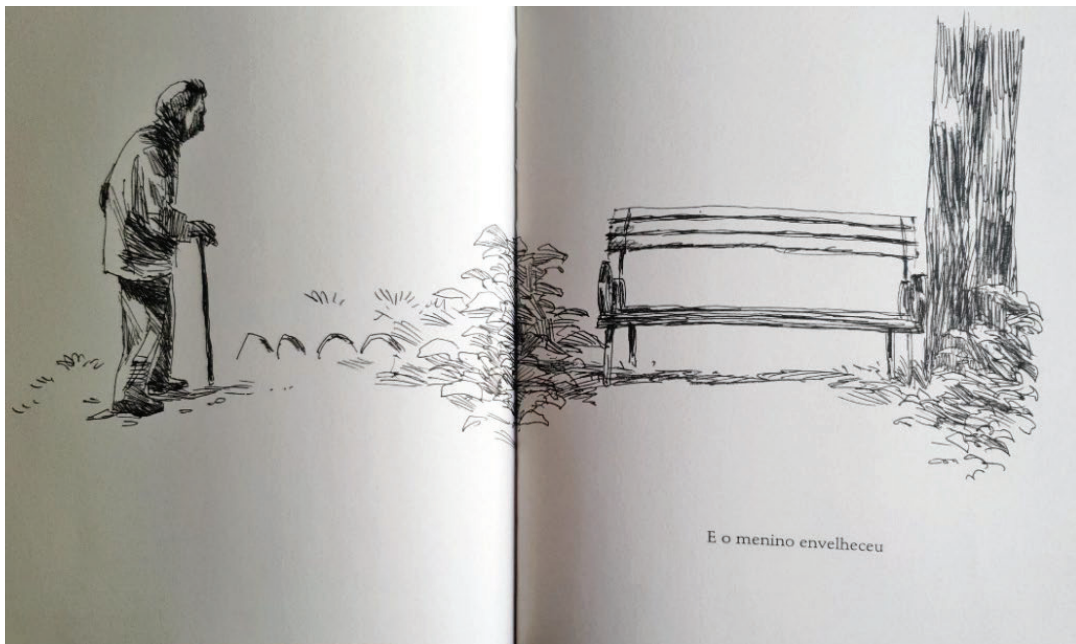
**Figura 11** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

Com a chegada da velhice, nosso pequeno vivencia sua própria invisibilidade, ele se torna o novo ocupante do já conhecido banco.

**Figura 12** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

**Figura 13** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

**Figura 14** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

Na passagem acima – figura 14 – observamos uma bola entrar em cena. Rolando pela margem direita da página, ela vem ao encontro do nosso personagem invisível. Esse que até o momento dividia a companhia com os pássaros, torna-se visível aos olhos de uma pequena: uma garotinha com uma capa e o superpoder de enxergar os invisíveis.



**Figura 15** – Páginas do livro *OS INVISÍVEIS*.



**Fonte:** Freitas; Moraes (2021).

### **A estratégia de leitura conexão em *Os Invisíveis***

Ao concebermos o ato de ler como uma das formas promotoras de humanização, estamos compreendendo que participar do mundo letrado permite ao aluno “(...) ir se apropriando dos conteúdos socioculturais e construindo sua participação autônoma e crítica na sociedade” (MILLER, 2003, p.337)”. Deste modo, identificar as lacunas presentes na formação dos alunos da EJA consiste em estabelecer um compromisso social com estes e oferecer oportunidades para que sejam capazes de galgar pelos caminhos de uma alfabetização voltada para formação de sujeitos criadores de uma sociedade menos desigual.

Se estamos em luta por uma educação humanizadora e almejamos oportunizar aos sujeitos uma alfabetização crítica, precisamos ultrapassar o método fônico – preocupado em extrair som das palavras – e nos aproximarmos da alfabetização defendida por

Paulo Freire, na qual escola e vida são postas lado a lado e o diálogo é tido como princípio fundamental para a constituição das relações.

Tomando por base o diálogo e as relações de troca, as aulas devem ser o encontro de vozes entre professores e alunos, nas quais os saberes e culturas desses possam ser valorizados. Logo pensar no ensino/aprendizagem em contexto da EJA é preocupar-se que

Os temas devem emergir de assuntos gerados no cotidiano daquele grupo, que tenham alguma ligação com a vida cotidiana, considerando a cultura local em termos de: seu modo de vida, faixas etárias, grupos de gênero, nacionalidades, religiões e crenças, hábitos de consumo, práticas coletivas, divisão do trabalho no interior das famílias, relações de parentesco, vínculos sociais e redes de solidariedade construídas no local (GOHN, 2016, p.67).

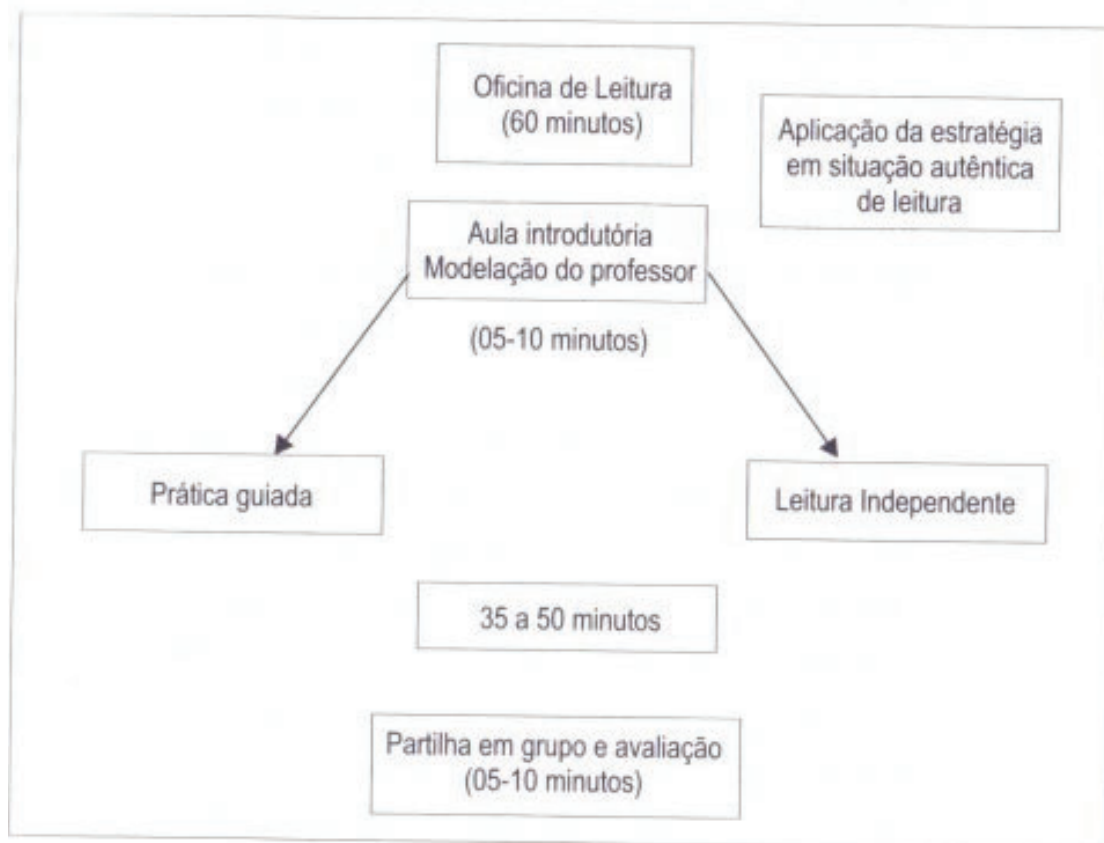
Atentando-se a tais fatos, o livro literário *OS INVISÍVEIS* oferece possibilidades de leituras nas quais os alunos sejam capazes de se identificar com os temas e reflexões, uma vez que a trajetória de apagamento e exclusão está presente na história do garoto com superpoderes. Assim, o trabalho associado entre a obra e a estratégia de leitura conexão permite caminhos nos quais a literatura ultrapasse o ensino de palavras e sons, alcançando a valorização do humano.

Enquanto leitores, fazemos conexões naturalmente, todas as vezes que relacionamos algo lido com aspectos de nossas vidas, com elementos presentes em outras leituras e com fatos globais estamos mobilizando a estratégia de conexão, já que estas podem se dar em três níveis: conexão texto-leitor, conexão texto-texto e conexão texto-mundo.

Quando pensamos no trabalho com as estratégias de leitura propostas por Girotto e Souza (2010), devemos considerar o esquema

de aula – oficina de leitura – elaborado pelas autoras a fim de garantir situações autênticas de aprendizagem. Girotto e Souza concebem a aula - oficina de leitura - com o intuito da aplicação da estratégia de leitura direcionado pelos seguintes momentos:

**Figura 16** – Modelo de oficina de leitura.



**Fonte:** Girotto; Souza (2010).

Conforme identificado no modelo acima, toda estratégia de leitura deve ser apresentada pelo professor em uma aula introdutória. A aula introdutória deve servir de guia para que os alunos consigam visualizar e entender como utilizar a estratégia durante o momento da leitura. Portanto, o objetivo do professor nesta etapa é explicitar e verbalizar seus pensamentos enquanto lê, mostrando como raciocina ao fazer uso da estratégia. Para este ato, o professor trará um outro

livro literário, ou ainda, o capítulo de livro, para realizar a modelação da estratégia de conexão.

Tendo finalizado o momento introdutório de modelação da estratégia conexão, a aula caminha para a realização da prática guiada, ou seja, os alunos seguem para a leitura silenciosa de *Os Invisíveis*. Para esta leitura, os alunos serão separados em pequenos grupos e o professor poderá solicitar que conversem sobre o texto, para isso, o docente pode entregar um roteiro com questões que instiguem a conversa entre eles. Girotto e Souza (2010, p.62) também orientam que

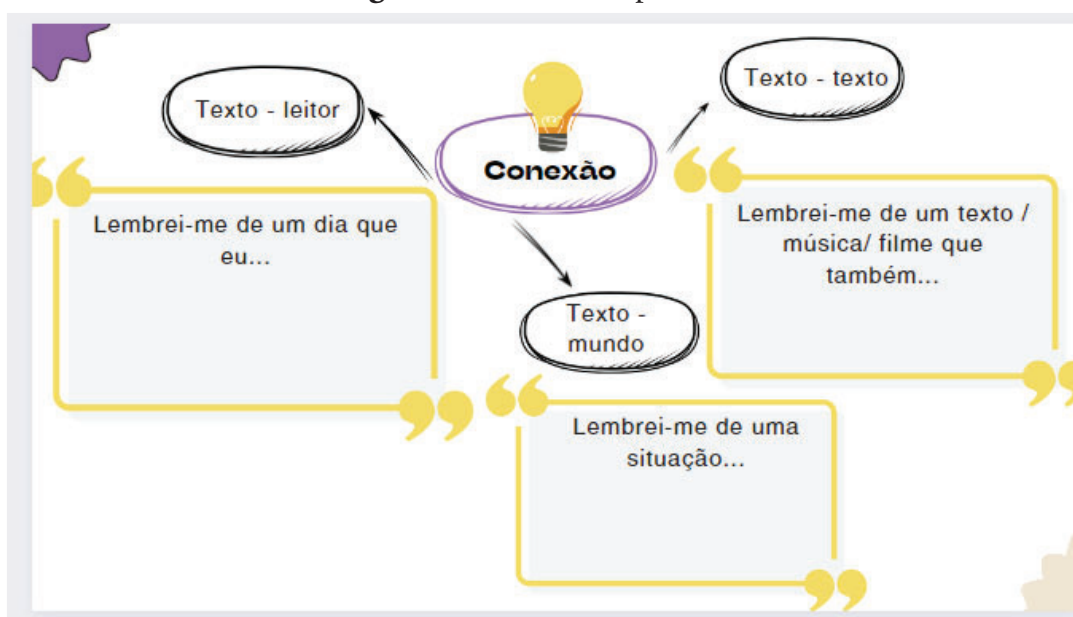
Nesta etapa, professor e alunos praticam a estratégia juntos em um contexto de leitura partilhada, refletindo por meio do texto e construindo significados através da discussão. Além disso, o professor recupera as tentativas de compreensão e uso das estratégias dos alunos e os estimula, dando *feedbacks* específicos, tendo a certeza de que estão entendendo a tarefa. O docente pode, ainda, orientar uma discussão oral ou um trabalho escrito sobre o texto e a estratégia utilizada. Portanto, para que os alunos falem, pensem e escrevam sobre o que leram, o professor poderá planejar um trabalho de sistematização do aprendido, a partir do uso de instrumentos como “cartazes âncoras”, “folhas do pensar”, “teias de personagens”, roteiros, “gráficos organizadores”, “mapas das histórias” (...).

A prática guiada oportuniza aos alunos o encontro dialógico com as vozes Outras – vozes do autor, ilustrador e colegas – assim, as trocas dialógicas tornam-se o caminho para abertura de visões e leituras diferentes das suas, ampliando, deste modo, o repertório de mundo que possuem. Os instrumentos de sistematização citados pelas autoras - “cartazes âncoras”, “folhas do pensar”, “teias de personagens”, roteiros, “gráficos organizadores”, “mapas das histórias” –

permitem aos alunos refletir sobre os atos movimentados durante a leitura, o poder de produzir significados e possíveis maneiras de explicitá-los.

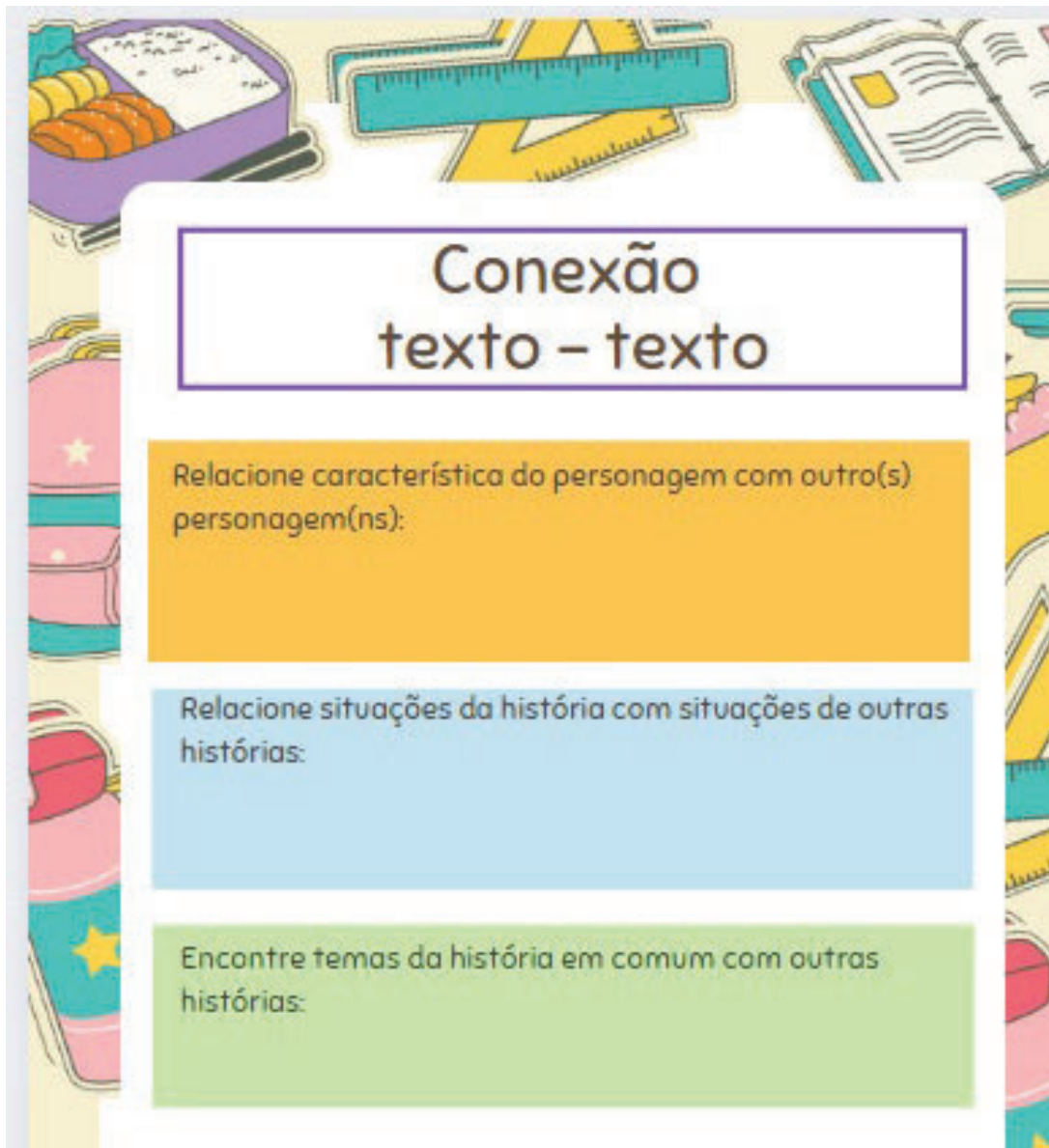
Inspiradas nos modelos de “folha do pensar” propostas por Girotto e Souza (2010), apresentamos as seguintes possibilidades de trabalho com a conexão dentro da obra de Tino Freitas e Odilon Moraes:

**Figura 17** – Folha do pensar 1.



**Fonte:** Elaboração das autoras.

**Figura 18** – Folha do pensar 2.



**Fonte:** Elaboração das autoras.

As atividades acima – figuras 17 e 18 – são exemplos de “folha do pensar” a serem preenchidas individualmente pelos alunos a fim de que estes entrem em contato com seus próprios pensamentos e reflexões acerca das conexões mobilizadas. No entanto, nada impede que em um segundo momento o professor traga para a sala modelos de “folha do pensar” ampliados, tornando-os cartazes âncoras a serem preenchidos coletivamente: “O cartaz ajudará os alunos a ter uma

ideia geral das várias leituras feitas em sala de aula por seus colegas, ampliando, assim, as conexões” (GIROTTI; SOUZA, 2010, p.73).

### **Considerações Finais**

Quando nos deparamos com a realidade de Educação imposta aos alunos da EJA no presente, esbarramos em lacunas que têm impedido a formação integral desses sujeitos e, assim, somos motivados a repensar em ações que impulsionem um futuro de mudanças. Ou seja, diagnosticar os problemas educacionais no presente é uma forma de estabelecer ligações para o futuro: “O futuro como possibilidade é uma força que alavanca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças. A esperança fundamental quando trabalhamos com cenários do imaginário desejado (...)” (GOHN, 2016, p.68).

Refletir acerca do trabalho com as estratégias de leitura é uma entre as possibilidades de construção de caminhos futuros, preocupados em oferecer condições para que professores e alunos transformem Educação bancária em conhecimentos compartilhados, em linguagem viva dentro da sala de aula, e, portanto, as trocas dialógicas tornam-se o centro do processo de movimentação do mundo, levando sujeitos a pensar, comparar, intervir, escolher, decidir, fazer-se ético.

Considerar a Educação de jovens e adultos como um ato de liberdade é urgente. A condição de práticas que ofereçam aos alunos possibilidades de ressignificação de suas condições não deve apagar seus saberes já adquiridos – cultura de sujeitos sociais pertencente a determinados grupos cujos saberes originam-se das necessidades do

cotidiano; mas sim, alargar as oportunidades e perspectivas de construção de conhecimento.

Somente dentro desse contexto de trocas verbais e dialogia os sujeitos são capazes de ultrapassar as condições de alfabetização esvaziada de significados e conceber atos de ler e escrever comprometidos com a humanização de sujeitos.

## Referências

ARENA, D. B. O ensino da ação de ler e suas contradições. *Ensino em Re-vista* (UFU. Impresso), v.17, 2010. p. 237-247.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, T. *Os Invisíveis*. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

GOHN, M. G. Educação não formal nas instituições Sociais. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i39.3615>

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (org). *Palavras e Contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

MIGUEL, J. C. Apresentação. *In: Educação de jovens e adultos: teoria, práticas e política* / José Carlos Miguel (org). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022.



MILLER, S. A leitura na escola hoje. In: Lazzari, Raquel Leite Barbosa. *Formação de educadores: Desafios e Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p.335-340.

SANCEVERINO, A. R. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. *Revista Brasileira de Educação*. v.21. n.65. abr-jun. 2016, p.455-475.